

O QUE JESUS ME DIRIA SOBRE OS PENSAMENTOS QUE ME VISITAM

Inveja, comparação e memória ferida: um exercício de purificação interior entre a disciplina estoica e a liberdade do Evangelho

Por Aínor Francisco Lotério

A PERGUNTA QUE NASCE DE DENTRO

Há pensamentos que não pedem licença para entrar. Chegam quando estou sozinho, quando encerro uma tarefa, quando encontro alguém na rua. Alguns deles me envergonham. Ocupei cargos públicos, servi ao meu município, dediquei décadas à extensão rural e ao cooperativismo, e olho para trás e vejo pessoas que atravessaram os mesmos anos e acumularam muito mais do que eu. Vem então uma comparação que não pedi, um desejo que não escolhi, uma amargura que não cultivei conscientemente. E a pergunta que faço em oração é simples e antiga: Senhor, o que fazer com isso?

Aprendi com o estoicismo, e ensino isso em minhas palestras, que não devemos nos prender à opinião alheia, nem ruminar o passado, nem viver ansiosos pelo futuro. Epicteto formulou a regra com uma clareza que atravessou vinte séculos:

*“Não são as coisas que perturbam os homens, mas as opiniões que eles têm das coisas.”
(EPICTETO, Enquirídio, V)*

A regra é excelente e verdadeira. Mas descobri, na vida concreta, que ela me diz o que não fazer e nem sempre me diz o que fazer com o que já está dentro. E é exatamente aí que a voz de Jesus entra com outro tom.

A PRIMEIRA RESPOSTA: O PROBLEMA NÃO É O OUTRO, É O OLHAR

Quando Pedro, já reconciliado à beira do lago, olhou para o discípulo amado e perguntou “e este, o que será dele?”, Jesus respondeu de modo que parece duro e é libertador: “que te importa? Tu, segue-me” (Jo 21,22). Não há desprezo pelo outro nessa frase. Há a recusa de deixar que a vida de Pedro seja medida pela vida de João.

Na parábola dos trabalhadores da vinha, o dono pergunta ao que reclamava do salário alheio: “teu olho é mau porque eu sou bom?” (Mt 20,15). Repare no diagnóstico. O problema não estava na remuneração do outro nem na justiça do patrão. Estava no olho. A inveja é uma doença do olhar, não da carteira. E o irmão mais velho de Lucas 15, que ficou de fora da festa contando os anos de serviço fiel, é a figura mais próxima de mim neste momento: alguém que serviu, que não desviou nada, e que descobre com amargura que a fidelidade não veio acompanhada de recompensa visível.

O QUE OS ANTIGOS JÁ SABIAM SOBRE OS PENSAMENTOS

Os monges do deserto chamavam esses pensamentos de *logismoi* e desenvolveram sobre eles uma ciência interior que a psicologia moderna apenas redescobriu. Evágrio Pôntico, no século IV, estabeleceu a distinção decisiva:

“Não depende de nós que os pensamentos venham perturbar a alma, mas depende de nós que eles permaneçam ou não.” (EVÁGRIO PÔNTICO, Tratado Prático, 6)

Não podemos impedir que o pássaro cruze o céu. Podemos impedir que faça ninho. O pensamento que chega não é pecado. O pensamento hospedado, alimentado e ruminado por meses, esse já é escolha. Essa distinção me devolve a paz, porque me livra de duas prisões ao mesmo tempo: a de fingir que não sinto, e a de me condenar por sentir.

Santo Agostinho, que conheceu por dentro a inquietação do desejo desordenado, apontou a raiz mais funda:

“Fizeste-nos para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti.” (AGOSTINHO, Confissões, I, 1)

A inveja é uma inquietação mal endereçada. É o coração pedindo o infinito e recebendo a notícia de que o vizinho comprou mais terra. O desejo está certo em sua origem e errado em seu destinatário.

René Girard, em nosso tempo, explicou o mecanismo com precisão antropológica: o ser humano não deseja diretamente um objeto, deseja segundo o desejo de um terceiro que lhe serve de modelo.

“O desejo é mimético: desejamos o que o outro deseja, porque o outro o deseja.” (GIRARD, Mentira Romântica e Verdade Romanesca)

Compreendi assim por que a comparação é tão viciante. Ela não nasce da falta real, nasce do modelo. Enquanto eu aceitar a régua do outro, minha própria vida ficará permanentemente curta, por maior que ela seja.

A DISTINÇÃO QUE MUDA TUDO: INVEJA OU LUTO DA JUSTIÇA?

Precisei fazer, diante de Deus, uma distinção que reorganizou todo o problema. Uma coisa é invejar o patrimônio de alguém. Outra, muito diferente, é a dor legítima de quem viu, de dentro da administração pública, o bem comum tornar-se bem privado e não pôde impedir. A segunda não é pecado. É fome de justiça, e Jesus a chamou de bem-aventurança (Mt 5,6).

Suspeito que boa parte do que eu vinha nomeando como ciúme seja, na verdade, um luto não chorado pela injustiça que presenciei. Luto não se limpa, se elabora. Confundir os dois me fazia acusar-me de um pecado que talvez eu não tivesse cometido e, ao mesmo tempo, deixava a ferida real sem tratamento.

O QUE O ESTOICISMO ME DÁ E O QUE SÓ O EVANGELHO ME DÁ

O estoico trata o pensamento como impressão à qual se recusa o assentimento. É higiene interior, é disciplina da razão, e é boa. Sempre a defendi sob o nome de Motivação Racional, a capacidade de gerenciar pensamentos sobre emoções em vez de reagir impulsivamente.

Jesus, porém, faz outra coisa. Ele não me pede que eu não sinta, pede que eu traga. “Vinde a mim, vós todos” (Mt 11,28) inclui os pensamentos que me envergonham. O estoico limpa sozinho, por esforço. O cristão entrega, e é limpo por Outro. Marco Aurélio dominava a impressão. Jesus perdoa o desejo e o transfigura. Por isso a purificação cristã não é supressão, é confissão. E a

confissão não humilha, liberta, porque “foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

TRÊS PRÁTICAS PARA LIMPAR O CORAÇÃO

Primeira: nomear sem drama. Digo a Deus exatamente o que senti, com o nome exato. Nomear tira o pensamento do escuro, onde ele cresce, e o traz para a luz, onde ele encolhe. O que não é nomeado governa. O que é nomeado se torna matéria de oração.

Segunda: rezar pelos nomes. Não pela categoria abstrata dos que enriqueceram, mas pelas pessoas, uma a uma, com nome e sobrenome. “Orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44) é a terapia mais eficaz e mais desagradável que existe, porque é impossível pedir bem sincero para alguém e continuar odiando essa pessoa. Uma das duas coisas cede. E decidi que quem cederá sou eu.

Terceira: fazer o inventário do recebido. Não como consolo barato, mas como exercício de verdade. Tenho Ana Maria, dois filhos, netas, o Sítio Agrosafia com seus garapuvus e ipês plantados, uma obra intelectual, o Diaconato Permanente desde 2022, o rádio desde 1989 e a gratidão de muita gente que ouviu uma palavra em hora certa. Nada disso é comparável em espécie ao que outros acumularam. E esse é exatamente o ponto: quando recupero minha própria unidade de medida, a inveja perde a força porque perde o objeto.

A ORAÇÃO QUE FECHA E ABRE

Termino por onde comecei a orar: meu Deus e meu tudo. Francisco de Assis repetia essa frase a noite inteira no Monte Alverne. Se Deus é o tudo, então o que os outros possuem é parte. E parte alguma se inveja quando se possui o todo. É essa a colheita que quero da terra do meu coração, e ela exige o mesmo que toda lavoura exige: capina paciente, adubação constante e confiança na chuva que não depende de mim.

REFERENCIAL DE APOIO NOS PORTAIS DO AUTOR

Este artigo dialoga com produções anteriores publicadas em www.ainor.com.br e www.loterio.com.br, que sustentam sua linha de pensamento:

- O GRÃO DE MOSTARDA E A AGROSOFIA, MÍSTICA DA VIDA COM BASE NAS FORÇAS AGRONATURAIS.
- O PODER DA MENTE NA MOTIVAÇÃO HUMANA E O USO INTELIGENTE DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.
- A TRAJETÓRIA, O PORTAL E A PRESENÇA DIGITAL DE AINOR LOTÉRIO: UMA IDENTIDADE QUE ANTECEDE O ALGORITMO.
- TRÊS GRANDES MARCOS DA VIDA ESPIRITUAL PARA O EXERCÍCIO DA LIDERANÇA CRISTÃ.
- A IMPORTÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA VIDA DO CASAL: CONJUGAL, PESSOAL E SOCIAL.
- A FÉ COMO ADESÃO RACIONAL A UM PATRIMÔNIO DE VERDADES.
- COOPERATIVISMO NA ESCOLA: UM MOVIMENTO ORGÂNICO QUE GERA VIDA FORTE.
- ESTUDE, TREINE, SILENCIE E TRABALHE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus.

EPICTETO. *Enquirídio*. São Paulo: Edipro.

EVÁGRIO PÔNTICO. *Tratado Prático*. Petrópolis: Vozes.

GIRARD, René. *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*. São Paulo: É Realizações.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *A Eternidade em Nós*.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Um Minuto de Inspiração*.

SOBRE O AUTOR

Aínor Francisco Lotério é agrônomo, filósofo, teólogo, psicopedagogo e mestre em Gestão de Políticas Públicas. Diácono Permanente desde 2022, é palestrante nacional nos eixos Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosafia, filosofia de vida que criou a partir da sabedoria da terra. Foi extensionista na Acaresc, na Emater e na Epagri, onde chegou a Diretor Estadual, exerceu o cargo de Prefeito de Camboriú, Santa Catarina, e é radialista desde 1989 com o programa Alegria de Viver. Vive no Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, onde replanta espécies nativas da Mata Atlântica. Contato: ainorfloterio@gmail.com e WhatsApp (47) 99967-5010.